

# Hospital de Base agoniza

Lilian Tahan  
Da equipe da **Correio**

A ala de pacientes cardíacos do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) não vai parar as cirurgias pelo menos nos próximos dias. Mesmo com equipamentos precários, falta de medicamentos e de profissionais, a direção do hospital decidiu não suspender as operações do coração emergências ou eletivas, aquelas em que não há urgência cirúrgica. O diretor do HBDF e atual secretário-adjunto de Saúde, Aluizio

Franca, confia em uma promessa do governo federal para resolver a crise. Até o final do mês, a Secretaria de Saúde espera receber do Ministério da Saúde R\$ 15 milhões para comprar remédios e material de uso hospitalar.

Um grupo de médicos da Unidade de Cardiologia teve um encontro na quinta-feira com o promotor Jairo Bisol, da Promotoria dos Usuários dos Serviços de Saúde (ProSus) e disse que suspenderia as cirurgias caso a direção do HBDF não providenciasse os medicamentos e material cirúrgico, como prótese de válvula cardíaca, itens vitais para operar os pacientes com segurança. A lista de reivindicações foi apresentada à diretoria do hospital e nela constam desde mais leitos para a UTI até antibióticos para o tratamento de infecções.

“Vamos avaliar se o que falta pode comprometer a vida do paciente. Talvez tenhamos que sus-

pender as operações eletivas por um período de 10 a 20 dias até que os medicamentos e equipamentos sejam comprados”, prevê Aluizio Franca. O quadro é tão grave que ele estuda a possibilidade de transferir algumas das cirurgias cardíacas para os hospitais particulares.

## OPERAÇÃO

**A** espera não será novidade para os 140 pacientes que aguardam na fila pela intervenção cirúrgica. Maria Rita Gonçalves, 40 anos, perdeu a conta dos dias em que já dormiu no Hospital de Base à espera de uma valvuloplastia — operação para corrigir parte da veia aorta dilatada. Dona de uma banca de mochilas na feira da Ceilândia, não vê a hora de voltar a trabalhar. “Vai para lá de seis meses que estou mofando aqui. Não sei nem se tenho mais o meu lugar na feira.”

Hoje a paciente recebe alta,

mesmo sem ter passado perto da mesa de cirurgia. Maria Rita não está curada. Cada vez mais sente as dores apertarem o peito, mas como não há previsão para conseguir ser operada, os médicos decidiram mandá-la embora. “Eles dizem que poderia morrer, caso fizessem a cirurgia e eu pegasse uma infecção”, resigna-se. De fato, a falta de antibióticos para tratar a possível proliferação de bactérias impede os procedimentos cirúrgicos.

O presidente do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, Luis Salinas, garante que o órgão está vigiando os procedimentos cirúrgicos do hospital e poderá, caso necessário, adotar medidas punitivas.

O promotor Bisol também alertou à Secretaria de Saúde e a direção do HBDF que o Ministério Público estudará medidas para definir responsabilidades pelo sucateamento do hospital.